

PORTUGAL NO CONCÍLIO DE TRENTO

O conflito Trento-Bolonha e a suspensão do Concílio

1. A tensão interna do Concílio

A natural tensão, que sempre existiu entre o Sacerdócio e o Império, tem um quê de trágico e desnorteante nas relações entre os seus representantes no segundo quartel do século dezasseis. Ambos, Papa e Imperador, eram animados de um e mesmo desejo: defender o catolicismo. Os seus modos de agir, porém, diferiam profundamente, segundo a visão de cada um. Paulo III, reconhecendo que a Igreja falhara em muitos pontos, principalmente por não se ter reformado em tempo, decidiu reformá-la por meio de um Concílio, que congregasse os Pastores e os teólogos mais ilustres de todas as nações, e fosse celebrado num lugar de fácil e convidativo acesso aos Alemães. O Concílio reuniu-se, vencidos os inúmeros obstáculos pela tenaz insistência do grande Papa, e os seus membros resolveram fazer um trabalho duplo em cada Sessão: definição clara e exacta da doutrina, já que tantos erros dimanaram da obscuridade que na teologia impedia a nítida e positiva exposição das verdades reveladas; tolher os numerosos e grandes abusos que deturpavam a vida católica, sob a conivência de seus chefes, leigos como sagrados. O Papa que o convocara, também o protegia contra as conspirações curiais, dobrando-se ao mesmo tempo, com sublime humildade, às

sugestões que recebia dos Conciliares para a reforma do próprio ambiente e Senado, a Cúria e os Cardeais.

Carlos V, o último dos grandes Imperadores da Cristandade, mas já representante da política moderna, via a possibilidade do império não mais na estreita união de todos os cristãos, senão numa hegemonia, que se conservasse por um sábio equilíbrio entre as diversas nações do continente europeu.

De modo análogo considerava possível restaurar a união rompida na Alemanha pelas divergências religiosas entre católicos e luteranos. Devia ser viável um acordo religioso, entre católicos e dissidentes, ainda em matéria de dogma. Por isso via de maus olhos que o Concílio enveredasse pelo caminho das decisões doutrinárias, apesar da desesperada resistência dos prelados imperiais, que tentavam, em vão, todos os meios de obstrução.

Sob esta luz devemos considerar a luta que irrompeu entre os Conciliares, por ocasião da transferência do Concílio de Trento para Bolonha, transferência essa que ia subtrair o Concílio à influência de Carlos V e colocá-lo mais sob a dependência do Papa; essa luta estava prenhe das gravíssimas consequências, que perturbaram todo o período bolonhês do Concílio, provocando finalmente a sua suspensão.

2. As circunstâncias da transferência

A calma, que reinava quando se realizou a Sétima Sessão com a promulgação dos primeiros cânones sacramentais e o segundo decreto sobre a residência e os benefícios, não fazia prever a mudança que tão abruptamente ia interromper o andamento finalmente regular dos trabalhos conciliares.

Os princípios fundamentais para o combate aos erros protestantes estavam estabelecidos, bem como lançada a primeira pedra da restauração eclesiástica. Com justo orgulho Dom Coriolano, bispo de São Marcos, escreveu na sua oração, que devia dirigir aos Padres nessa magna solenidade da Sétima Sessão: «*Templum quod ruerat iam vel parum aberat a ruina, egregie fulxistis, minas lapsumque parietum firmastis*». Exortou-os a continuarem firmes e decididos, sem receios de aflições e trabalhos. «*Non etiam (si res sic egerit) moriemini? Rapi in triumphum ante ves-*

tros oculos diutius tollerabitis? Plus poterit tenebrarum gladius, quam lucis?» (1).

Essas palavras encerravam um desafio trágico. No momento mesmo, em que os Padres Conciliares consideravam mais afastadas as ameaças que desde o início pairavam sobre a existência do Concílio, no momento mesmo, em que os Legados Pontifícios, encerrando a Sétima Sessão, marcavam a oitava para o dia 21 de Abril, neste mesmo momento Deus já permitira que a Sessão celebrada fosse a última a promulgar definições e reformas sob o Papa Paulo III, que tivera a coragem e a constância necessárias para conseguir a realização do Concílio. O encerramento da Sétima Sessão foi também o encerramento do Concílio de Paulo III.

Três dias depois da Sessão, a 6 de Março de 1547, os Padres Conciliares receberam o catálogo dos artigos sobre a Eucaristia, já examinados e qualificados pelos teólogos nas suas reuniões (2). No mesmo dia, à hora crepuscular, morreu Dom Henrique Loffredo, Bispo de Capaccio, vitimado por uma doença contagiosa, a febre escarlatina, que então grassava em Trento (3).

Segundo as cartas dos Legados Pontifícios, havia entre elas várias pessoas atacadas por essa doença; elas indicam concretamente os casos, ajuntando que o número dos mortos na cidade aumentava diariamente, e que não se tocavam mais os sinos a fim de não assustar os Conciliares (4). Ao mesmo tempo escreveu o «podestà» de Trento, Pietro Foscheri, que não havia nenhum perigo, e que apenas duas pessoas morreram em consequência da tal doença (5).

Significativa parece a atitude do Cardeal Madruzzo, bispo de Trento e um dos grandes expoentes da política imperial no Concílio. Muito conscienciosamente o primeiro Legado Ponti-

(1) *Concilium Tridentinum, Diariorum, Actorum, Epistularum, Tractatum nova Collectio*; edidit Societas Goerresiana... Friburgi Brisgoviae, 1901 — V pp. 1001-1004; (obra que citaremos pela abreviatura tradicional C. T.). A oração não foi proferida, devido à rouquidão da voz do eminente pregador, que na última hora teve de desistir.

(2) C. T. V pp. 1007-1008.

(3) C. T. V p. 1008.

(4) Os Legados ao Card. Alexandre Farnese, 11,12-III-1547; Os Legados ao Núncio Verallo, 11-III-1547: *Nuntiaturberichte*, IX pp. 651-652.

(5) Foscheri ao Duque de Ferrara, 12-III-1547: «Quanto sia al morbo delle petechie, la mera verità è questa che in Trento sono morte solamente doe persone di questo male et al presente ne sono amalate circa di dieci o undeci, delli quali si tiene che non morrirà se non uno o doi, perchè gl'altri sono meglioati»: *Nuntiaturberichte*, IX p. 656

fício, o Cardeal João Maria de Monte, confiou o exame da situação ao médico do Concílio, Girolamo Frascatore, recomendado por Madruzzo e uma das sumidades médicas do tempo, e a seu próprio médico Balduino Balduini. Os dois fizeram os seus depoimentos na Congregação Geral de 9 de março (6). Ora, já antes dessa reunião, certamente informado por Frascatore, Madruzzo abandonara Trento!

Os depoimentos atestaram a seriedade do caso: analisando os sintomas da doença, concluíam que era a «febre lenticular», contagiosa e fatal em muitos casos, do género de peste. Por conseguinte, seria prudente sair de Trento.

Interrogados os Padres Conciliares, o Cardeal Pacheco, a primeira figura dos Imperiais, contestou as afirmações dos médicos. Se fosse realmente peste, o Concílio devia transferir-se para outro lugar mais seguro. Não constava, porém, a natureza pestífera da doença. Além do mais, seria necessário consultar primeiro o Papa, e levar bem em consideração o desagrado do Imperador. Todos os imperiais apoiaram o seu chefe. Também Dom Frei Baltasar Limpo, Carmelita e Bispo do Porto (7), achou precipitada a questão. Não gostaria fosse dissolvido ou suspenso, como alguns queriam. Em caso de peste, seria necessário transferir o Concílio; por ora, porém, julgava inútil discutir sobre o lu-

(6) C. T. V pp. 1013-1015.

(7) Dom Frei Baltasar Limpo (1478-1558), natural de Moura, abraçou aos 16 anos a vida religiosa no vetusto convento carmelita da sua terra natal. Completou os estudos na Universidade de Salamanca, doutorando-se em Teologia. Em 1521 disputou e conquistou a Cátedra de Prima de Teologia na Universidade de Portugal, então em Lisboa, regendo-a até 1531, com grandes aplausos. Foi ainda pregador da Real Capela e confessor da rainha D. Catarina e dos Infantes.

Eleito Provincial, três vezes, e criado Visitador Apostólico e Reformador, reorganizou profundamente o Carmelo português, tanto no material como no espiritual. Entre outras fundações, merece destaque especial o Colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Coimbra, cujos Estatutos concretizam o ideal dum colégio verdadeiramente humanista.

Em 1536 foi elevado ao sólio episcopal do Porto. Corajosamente enfrentou a situação desoladora da diocese, atacando logo o problema crucial: a residência dos párocos. Celebrou um Sínodo em 1540 e publicou novas Constituições diocesanas no ano seguinte.

Enviado ao Concílio de Trento, por Dom João III, era o único bispo português presente no primeiro período do Concílio e, desta forma, praticamente o representante de Portugal durante esse tempo (1546-1549).

Poucos meses depois da suspensão do Concílio, foi promovido à sede primacial de Braga (1550). Por meio de várias composições com Colegiadas e Mesas administrativas impôs a sua jurisdição e garantiu os bens eclesiásticos. Reorganizou eficazmente os Estudos Públicos de Braga. Levantou da decadência a antiga liturgia bracarense, reformando e publicando um novo Missal. Faleceu, octogenário, em 31-III-1558.

gar. Que os Padres primeiro pensassem bem e consultassem aqueles que deviam ser consultados sobre esta questão ⁽⁸⁾.

No dia seguinte ⁽⁹⁾, o Cardeal de Monte queixou-se do êxodo contínuo dos bispos, que saíam de Trento sem licença e até contra as ordens expressas. Comunicou o resultado dos votos — a grande maioria estava a favor da saída de Trento. Devia ser escolhido agora o lugar que fosse mais apto para a continuação do Concílio, e não muito distante de Trento, a fim de não dificultar o acesso dos Alemães. Sugeriu Bolonha.

A maioria concordou, apesar dos protestos do grupo imperial. Dom Limpo insistiu novamente em que o caso fosse examinado melhor, porque não estava convencido da gravidade da doença. Em todo caso seria mais aconselhável uma transferência do que uma suspensão do Concílio ⁽¹⁰⁾.

Das palavras dos Legados, pronunciadas no início e no fim da reunião, podemos perceber claramente que havia ainda outros motivos que impunham a transferência do Concílio. Naturalmente a tensão existente entre o Papa e o Imperador, o grupo espanhol e o grupo italiano, as demais circunstâncias da situação política que não aconselhavam uma vizinhança demasiadamente próxima da Alemanha ⁽¹¹⁾, e, para o momento, o pânico que ameaçava desintegrar o Concílio. Mesmo não considerando séria a doença, que indubitavelmente grassava em Trento, sério era o pânico dos Padres e teólogos conciliares, pânico talvez subconscientemente agravado e intensificado pela disposição psicológica de quase todos: o desejo de sair de Trento, cujo clima inclemente assolava os ânimos, deprimindo-os, e que fez com que vários saíssem do lugar, já antes da morte do bispo de Capaccio, por medo da doença que ao menos parecia contagiosa e perigosa.

No dia 11 de Março de 1547, na Oitava Sessão do Concílio, foi tomada a decisão de transferi-lo para Bolonha, após a leitura de um inquérito de 14 pontos, feito por Severoli, promotor do Concílio. Nove pessoas (religiosos, clérigos, comerciantes, industriais e uma mulher) depunham nele sobre a situação em Trento, achando-a grave em geral, mas podendo fornecer apenas poucos

(8) C. T. V p. 1016.

(9) C. T. V pp. 1018-1024.

(10) C. T. V p. 1020.

(11) Ludwig von Pastor, *Geschichte der Päpste seit dem Ausgang des Mittelalters*, 5 (1/4 1909), pp. 574-585; 598-600; 607-609.

pormenores mais positivos⁽¹²⁾. Todos falavam e boatavam, espalhando ainda mais o pânico.

Depois da leitura do inquérito, foi votado o decreto da transferência. Dom Baltasar Limpo declarou-se neutro; por ele o Concílio podia continuar em Trento, ou ser transferido para outro lugar, contanto que os Padres Conciliares guardassem a boa harmonia⁽¹³⁾. A maioria aceitou a transferência, não obstante o protesto dos imperiais, que reclamavam a necessidade de consultar o Papa. Diante disso, os Legados mostraram duas Bulas pontificias, que os autorizavam a transferir o Concílio, e mesmo a dissolvê-lo, quando lhes parecesse necessário. Possuíam-nas desde 22 de fevereiro de 1545⁽¹⁴⁾. Em virtude dessas Bulas e com o consentimento da grande maioria dos Padres foi decretada então a transferência, e todos ficaram intimados a comparecer à próxima Sessão em Bolonha, marcada para o dia 21 de Abril.

3. Dom Limpo com os Imperiais

A história do Concílio mostra-nos como Dom Baltasar Limpo, desde a sua chegada a Trento, se uniu aos prelados espanhóis, por ordem do seu rei e também porque estes tinham os mesmos pontos de vista sobre a reforma e a Cúria Romana. Nas primeiras consultas sobre a transferência associou-se de alguma maneira aos imperiais, exigindo verificação mais completa e exacta da natureza pestilenta do morbo que prostrava os tridentinos. No momento decisivo guardou neutralidade. Agora que caíra a decisão, Dom Limpo mostrou-se pronto para obedecer às ordens dos Legados Pontificios e começou a fazer as malas, se bem que o grupo espanhol estivesse bem decidido a não se arredar de Trento, a fim de não incorrer nas iras do Imperador⁽¹⁵⁾.

(12) C. T. V pp. 1025-1036.

(13) C. T. V p. 1034.

(14) C. T. IV pp. 395-396.

(15) C. T. V p. 1037.

(16) Eram eles os Dominicanos Frei Jerónimo de Azambuja, Frei Jorge de Santiago e Frei Gaspar dos Reis.

Frei Jerónimo de Azambuja professou a regra dominicana no convento de Batalha em 1520. Laureado em Teologia, preparou várias obras sobre a Sagrada Escritura. Em 1545 foi enviado, como teólogo, ao Concílio de Trento, onde, com invulgar distinção, tomou parte nos trabalhos até 1549. Dois anos depois recusou a mitra de São Tomé. Foi Inquisidor em Évora e em Lisboa. Eleito Provincial em 1560, não completou o tempo de seu cargo, falecendo em 1563.

Frei Jorge de Santiago professou no convento dominicano de San Esteban em

Estava em Trento, igualmente como Conciliar, Dom Luís Lipomano, Bispo Coadjutor de Verona, e antigo Núncio de Portugal. Certamente por essa circunstância, e ainda para não perder a nação portuguesa no Concílio, Dom Luís interessou-se por Dom Limpo e os três teólogos portugueses⁽¹⁶⁾, oferecendo-lhes passagem na barca, que alugara para Verona. Gostosamente aceitaram o amável e oportuno convite. A partida estava marcada para sábado, 12 de Março; a pedido, porém, de Limpo, foi adiada até domingo. Antes não houvessem feito isto! Quando tudo estava pronto e a bagagem já embarcada, Dom Baltasar foi fazer uma visita ao Cardeal Pacheco, a fim de se despedir deste. Aí encontrou todos os prelados espanhóis reunidos em conselho, examinando a situação. Eles começaram logo a criticar acicamente tanto o voto de Limpo na transferência do Concílio, como a sua resolução de partir para Bolonha. Objurgavam que isso não era servir a Sua Majestade Imperial e tão pouco ao próprio rei, que era tão grande amigo e parente do Imperador. Já haviam enviado o voto dele ao Imperador, de modo que este podia ver agora quão bem era servido dele. E assim lhe foram repreendendo mil outras coisas. Tanto fizeram, e tanto insistiram que não partisse e tirasse a bagagem da barca que ele cedeu diante das ameaças de que tudo seria comunicado ao rei. Na mesma hora ainda Limpo foi procurar Dom Luís Lipomano. Eis como este descreveu a entrevista: «...veio ele a minha casa, acompanhado dos frades, e decerto com gravíssima dor, porque é verdadeiramente um homem de bem e de boas intenções, contou-me sob segredo todas as coisas que lhe sucederam. Eu então lhe disse o que me ditava a consciência: que não ficasse com aqueles espanhóis cismáticos e acéfalos, pois ele viera ao Concílio não para servir ao Imperador, mas a Deus e ao Papa, chefe dele e de todos nós. Tanto mais, por ser ele tão douto e religioso; agindo assim serviria ao rei que era tão

Salamanca (1522). Completou os estudos em Paris. Após ter exercido o ofício de Inquisidor, tomou parte, como teólogo, no Concílio de Trento (1546-1549). Em 1552 foi criado bispo de Angra, onde se dedicou à cura pastoral com grande energia e rigor. Celebrou um Sínodo (1559) e publicou novas Constituições diocesanas, vindo a falecer em 1561.

Frei Gaspar dos Reis professou igualmente no convento dominicano de San Esteban em Salamanca (1525). Licenciou-se em Teologia na Universidade de Paris (1544). Dali mesmo foi enviado, como teólogo, ao Concílio de Trento, onde ficou até 1549. Em seguida foi ocupado na Inquisição de Évora, e mais tarde foi nomeado o primeiro Censor de Livros que teve o Tribunal da Inquisição no país. Em 1555 foi eleito e confirmado «bispo de anel» do Cardeal Infante Dom Henrique, arcebispo de Évora. Morreu em 1577 como bispo titular de Trípoli.

obedientíssimo à Santa Sé. Que Sua Majestade ficaria muito descontente e com grande desagrado, se houvesse de ouvir que o seu único prelado no Concílio abandonara a causa dos Legados de Sua Santidade e da maioria dos Padres Conciliares, unindo-se aos que queriam ver e causar a subversão da Igreja de Deus» (17).

Avisou-o ainda o antigo Núncio de Portugal, de que os espanhóis o iam segurar tanto que já não o deixariam partir. E mesmo na hipótese que o deixassem ir, não lhe seria mais possível passar pelos domínios de Veneza, que seriam fechados assim que recebessem a notícia da transferência do Concílio, como de facto aconteceu.

Não houve meio de mudar a resolução de Dom Limpo. Embora reconhecesse justas e ponderadas as razões alegadas por Lipomano, estava tão impressionado pelas ameaças que lhe fizeram os imperiais, e com tanto medo de incorrer na desgraça do rei, que não teve coragem de embarcar e sair de Trento. E, assim, os portugueses mandaram tirar a bagagem do navio, e Dom Lipomano partiu logo depois, sem eles. Teve este ainda a gentileza de deixar ordens expressas de os auxiliar em tudo, caso resolvessem deixar Trento. Além disso, preparou-lhes hospedagem em Pádua e Veneza, posto que considerasse como certo que Dom Limpo ia esperar a resposta do Imperador e fazer o que fizessem os espanhóis (18).

No dia seguinte, 13 de Março, o Cardeal Pacheco escreveu a Carlos V: «O bispo do Porto, português, que aqui veio com três teólogos da Ordem dos Dominicanos, esteve hoje aqui, dizendo-me que, por ordem do rei, se devia juntar aos imperiais, e que assim o fazia, e que Vossa Majestade lhe ordenasse o que devia fazer. Ele é douto e muito bom homem» (19).

4. Dom Limpo separado dos Imperiais

Pouco tempo, porém, Dom Baltasar Limpo se demorou em Trento, pois um facto inesperado veio transtornar-lhe, mais uma vez, os seus planos. Antes que pudesse vir a resposta de seu rei, desfazendo o problema em que se debatia, se se devia unir aos

(17) Cf. C. T. XI pp. 136-137.

(18) Lipomano a Bernardino de Santa Cruz, bispo de Casal Monferrato, 16-III-1547: C. T. XI pp. 136-137.

(19) Card. Pacheco a Carlos V, 13-III-1547: C. T. XI p. 134.

Conciliares em Bolonha ou ficar com os imperiais em Trento, em protesto contra a transferência, morreu-lhe um criado, após três dias de doença, atacado pela febre «tridentina». Deste vez, Dom Limpo ficou bem convencido do carácter perigoso da doença; ao menos não esperou outra prova, fugindo de Trento imediatamente, todo desnorteado pelo perigo por que passara ⁽²⁰⁾.

O caso foi, naturalmente, bem explorado pelos adeptos da transferência, para os quais a fuga de Limpo passou a ser a maior prova da legitimidade da transferência e da veracidade da causa alegada ⁽²¹⁾. Quando Carlos V furiosamente criticava o decreto do Concílio e não quis acreditar que alguém houvesse morrido antes ou depois da saída dos Padres Conciliares, e nem mesmo que houvesse alguma doença, considerando tudo como invenção habilíssima de Cervini, o Núncio Verallo observou-lhe que o caso de Dom Limpo provava claramente a verdade dos factos. O imperador ficou atrapalhado, sem saber o que responder, depois repetiu que não podia ser verdade e que Cervini soube arrumar muito bem as coisas ⁽²²⁾.

Vê-se, por conseguinte, que o comportamento de Dom Limpo, em última análise, e sem ele o querer, não favoreceu muito a causa imperial.

A data certa desta ocorrência não consta. No dia 29 de Março, Cervini, o segundo Legado Pontifício do Concílio, respondendo a uma carta de Bernardino Maffei que lhe enviara uma carta para Limpo do Orador português Baltasar Faria com a ordem de que fosse para Bolonha ⁽²³⁾, escreveu que Limpo saíra de Trento para Pádua ⁽²⁴⁾. No dia seguinte, porém, os Legados enviaram essa carta, de Faria a Limpo, ao Núncio em Veneza, certamente porque ulteriores informações indicaram que Dom Limpo já devia estar lá ⁽²⁵⁾. Assim julgamos que o caso se haja

(20) «... dopo la morte de quel suo servitore parti subito di Trento molto sbigotito...»: C. T. XI p. 156; cf. ainda p. 161.

(21) Cf. por exemplo a carta do Card. Cervini a Mons. Bernardino Maffei, secretário particular do Card. Alexandre Farnese, 29-III-1547: C. T. XI pp. 155-156; a carta do Card. Alexandre Farnese a João Poggi, Núncio Apostólico na Alemanha, 5-IV-1547: C. T. XI p. 161.

(22) Cf. Verallo ao Card. Alexandre Farnese, 14-IV-1547: *Nuntiaturberichte*, IX pp. 536-542; Verallo aos Legados, 23-IV-1547: C. T. XI pp. 178-179.

(23) C. T. XI p. 151.

(24) C. T. XI pp. 155-156.

(25) C. T. I p. 634.

dado nos primeiros dez dias depois da transferência do Concílio.

Em Veneza, Dom Baltasar Limpo ficou esperando as ordens do rei, e mesmo depois de as ter recebido não se apressou em unir-se ao Concílio. A sua adesão, que simbolizava a adesão duma nação, era disputada por pontifícios e imperiais. Na segunda metade de Abril, o bispo de Badajoz, Dom Francisco de Navarra, que fôra a Veneza a fim de tratar da saúde, tentou convencer Dom Limpo de que tornasse a Trento⁽²⁶⁾. Em princípios de Maio, o próprio Santo Padre enviou-lhe um Breve, persuadindo-o de que fosse para Bolonha. Dom Baltasar ficou tão sensibilizado com essa lembrança, que se prontificou imediatamente a atender esse desejo. O Orador espanhol, Francisco de Toledo, não o perdia, porém, de vista; escreveu-lhe logo e enviou uma pessoa que fosse falar com ele, o detivesse dessa resolução e trouxesse para Trento⁽²⁷⁾.

Dos teólogos portugueses, um estava em Bolonha, Frei Jorge de Santiago, e até parece que foi por um mal-entendido, pois no dia 25 de Abril escreveu ao rei: «Eu cheguei aqui o dia da Sessão, à tarde, e não quis vir antes por não estar presente, por parecer convir assim mais ao serviço de Vossa Alteza. Ainda que isto não importava muito, todavia quis mostrar-me neutral e não ficar fora nem bem dentro. Especialmente porque os companheiros não haviam vindo e cá dizia-se que eles estavam ainda em Trento, do qual havia admiração e desgosto. Logo o dia seguinte fui a visitar os Legados e me receberam humaníssimamente, e escusei o bispo e os companheiros...»⁽²⁸⁾.

Mais ou menos ao mesmo tempo, os outros dois saíram de Trento, dirigindo-se para Veneza, onde ficaram com Dom Baltasar, informou ainda Frei Jorge. De lá escreveram uma carta interessante ao rei, a 11 de Julho, explicando por que não se apressavam muito em se dirigir para Bolonha, não obstante a ordem real, que finalmente chegara e já antes de 18 de Junho. Vejamos a carta: «Senhor. A 18 de Junho escrevemos a Vossa Alteza, beijando-lhe as mãos pela provisão que nos havia mandado e como, não obstante o pouco que no Concílio se fazia, nos determiná-

(26) O Orador Toledo a Carlos V, 29-IV-1547: C. T. XI p. 187.

(27) O Orador Toledo a Carlos V, 11-V-1547: C. T. XI p. 201.

(28) Frei Jorge de Santiago ao Rei, 25-IV-1547: *Corpo Dipl. Port.* VI 136-137.

vamos ir a Bolonha por cumprir o que Vossa Alteza nos mandava (...) E assim nos partíramos logo, se não fôra por esperar o bispo do Porto, que tinha entre as mãos certos negócios de muito serviço de Vossa Alteza (...) E também não nos apressamos mais por ver que na tardança se não corria nenhum perigo, visto que em Bolonha se não fazia nada e se dava licença a muitos bispos para ir a folgar. Todavia já agora nos parece, façam ou não façam, que não é tempo de mais dilatar de pôr em execução o mandado de Vossa Alteza. E assim, prazendo a Deus, para a semana que vem seremos em Bolonha...» (29).

De facto, os dois partiram para Veneza e, a 8 de Agosto, Frei Jerónimo fala na reunião dos teólogos, e Frei Gaspar na semana seguinte (30).

Dom Frei Baltasar Limpo não acompanhou os teólogos. O Cardeal Cervini pensava que estivesse procrastinando a sua ida para Bolonha por causa dos rumores, que abundantes se espalhavam, de que o Concílio breve voltaria para Trento (31). Uma carta de Frei Jerónimo (32) parece confirmar essa opinião, pois, escrevendo ao rei, explicou: «o bispo houvera de vir connosco e depois por algumas cartas (...) lhe aconselharam que não viesse, e se deteve em Veneza». Nesta carta justificou ainda o bispo, porque realmente as coisas estavam com bastante dúvida, e também por haver aí muitos doentes (33). Visto, porém, que fôra anunciada a próxima chegada de prelados franceses, ele, Jerónimo, mandara um recado a Dom Baltasar, pedindo que viesse logo para não ser dos últimos. Alguns dias depois, Frei Jerónimo acrescentou num postscriptum à mesma carta, que o Cardeal de Monte pedira que avisassem outra vez Dom Limpo.

5. Em Bolonha e em Roma

E assim, finalmente, no dia 15 de Setembro, Dom Baltasar apareceu em Bolonha (34). Neste dia devia haver uma Sessão so-

(29) Frei Jerónimo de Azambuja e Frei Gaspar dos Reis ao rei, 11-VII-1547: *Corpo Dipl. Port.* VI pp. 162-163.

(30) C. T. VI pp. 343, 369.

(31) Carta do Card. Cervini a Mons. Bernardino Maffei, secretário particular do Card. Alexandre Farnese, 25-VII-1547: C. T. XI p. 228.

(32) Frei Jerónimo de Azambuja ao rei, 23-VIII-1547: *Corpo Dipl. Port.* XI pp. 525-526.

(33) Quanto a esses doentes, cf. ainda a carta de Dom Diego Alaba, bispo de Astorga, ao príncipe Felipe, 6-VIII-1547: C. T. XI p. 233, nota 2.

(34) C. T. I p. 697; IV p. 440; XI p. 275.

lene; porém, esta, na véspera fôra adiada ⁽³⁵⁾. Ficou Limpo hospedado agora na casa de um certo Senhor Gaspar «de li arme» ⁽³⁶⁾.

Não era possível fazer Sessões, quer proclamando definições, quer promulgando decretos de reforma, pois o Concílio era pronunciadamente italiano e frequentado por poucos bispos ⁽³⁷⁾. Os Cardeais-presidentes, de Monte e Cervini, faziam todo o possível para aumentar o número, e mais ainda para atrair as nações. De 15 de Setembro em diante tudo parecia melhorar, pois no mesmo dia começaram a chegar também os 15 bispos e 2 embaixadores franceses. Este grupo trouxe um programa bem definido: completar e tornar definitiva a ruptura entre o Papa e o Imperador e procurar a adesão do Sumo Pontífice à política do rei da França. Por isso o Concílio devia prosseguir os trabalhos e as Sessões, continuar em Bolonha e ser encerrado sem a presença dos imperiais. Sabendo-se indispensáveis, queriam ditar as suas vontades.

Como em Trento contra os espanhóis, os Legados deviam em Bolonha manobrar a maioria italiana contra as pretensões francesas. Mas com a diferença de que não podiam arriscar uma nova divisão, e assim tiveram de ouvir e aceitar observações contra o Papa, que em Trento nunca haveriam tolerado. Por mais episcopalistas que fossem os ibéricos, ciosos da própria autoridade nas suas dioceses, ao menos respeitavam a autoridade suprema do Santo Padre. Precisamente aquilo que os Papas mais haviam temido e por que viviam adiando o Concílio, irrompeu agora: o conciliarismo. Um Concílio dependente dos franceses seria muito mais perigoso do que um Concílio dominado pelas exigências imperiais. E desta forma aconteceu que, alguns meses mais tarde, frustradas as esperanças de conseguir ainda a união dos bispos imperiais, os Legados começaram a falar em suspender o Concílio.

Parece que Dom Frei Baltasar Limpo já não se sentia à vontade no ambiente conciliar; a numerosa presença dos franceses devia ser pouco simpática para ele, que sempre havia esta-

(35) C. T. VI pp. 457-468.

(36) L. Carcereri, *Storia esterna del concilio di Bologna. Episodio della storia del concilio di Trento.* (Marzo (1547-Setembro 1549). Montevarchi 1902, p. 65.

(37) I. Rogge, *Le Nazioni al concilio di Trento, durante la sua epoca imperiale, 1545-1552.* Roma 1952, pp. 191-205.

do ao lado dos bispos espanhóis e considerava o imperador como amigo e parente do próprio rei, cuja legação exercia e intimidade gozava. Pouco tempo, nem duas semanas, passou em Bolonha, partindo logo, a 28 de Setembro, rumo a Roma, a fim de tratar da inquisição em Portugal. Numa carta sua ao rei dá uma relação completa de tudo que foi tratado em Roma ⁽³⁸⁾. Desejava falar com o Papa sobre essa inquisição, mas também sobre o Concílio e a Reforma. Era, com efeito, de opinião que não adiantava reformar as coisas nos países longínquos, se permitissem em Ferrara e Ancona, por assim dizer às portas do Concílio, que os Cristãos novos, vindos de Portugal, aí se circuncidassem, recaindo no judaísmo.

Chegando a Roma, hospedou-se nos Carmelitas seus confrades. Por insistência do Orador de Portugal, Baltasar Faria, mudou-se para a casa deste, onde ficou 20 dias. Depois esteve novamente com os Carmelitas, durante os últimos dez dias, porque moravam mais perto do «paço para os negócios».

O Papa recebeu-o com muitas amostras de carinho, beijando-o e elogiando-o como um prelado exemplar, verdadeira *avis rara*. Obtida a licença de falar sobre o Concílio e a Reforma, Dom Limpo aproveitou-a com uma franqueza incrível. Lembrou ao Papa que ele, Dom Frei Baltasar Limpo, era o prelado que viera ao Concílio das terras mais remotas e que entre todos porventura menos dentes tinha, e ainda assim perdera mais alguns, enquanto nele estava. Embora sem recursos e com grandes despesas, continuava pelo bem universal da Igreja. Em todos os seus votos e trabalhos, nunca teve outra mira que não fosse Deus. O que ia dizer agora, seria por descargo da consciência. Pròpriamente, o Concílio não se devia ocupar da Reforma, senão apenas da extirpação das heresias. Sua Santidade devia ter feito a Reforma pessoalmente, que desta maneira o Concílio estaria logo concluído. Visto, porém, que tudo já estava andando, o Concílio devia ser bem dirigido. Seria essa a maior honra de Sua Santidade. Achava, todavia, que o Papa não estava cumprindo essa obrigação, pois não quisera que o Concílio tocasse nos abusos que reinavam em Roma. Quanto à Reforma «in partibus», como testemunha ocular podia garantir que em todo o Concílio não havia dez bispos que realmente a quisessem. As medidas ordena-

(38) Dom Limpo ao rei, 7-XI-1547: *Corpo Dipl. Port.* VI pp. 193-209.

das pelo Concílio não eram cumpridas. Protestara contra isso, mas ficara só no seu protesto. Assistia ainda às reuniões por obediência, embora delas não esperasse nenhum remédio para os males da Crisandade. Se Sua Santidade se resolvesse a fazer pessoalmente a Reforma, escusaria muitos requerimentos, discussões com os príncipes e altercações sobre o lugar do Concílio.

Em outra audiência, Paulo III quis, ele mesmo, falar-lhe sobre o Concílio, fazendo a sua defesa. Queria que o Concílio se fizesse muito bem, mas ao mesmo tempo livremente, e que podia reformar todos os abusos. Os príncipes não deviam procurar obstruções ao Concílio. Dom Limpo replicou que um Concílio bem feito era uma grande glória, assim como um Concílio mal dirigido seria um escândalo incalculável. Por isso, já que Sua Santidade determinara que o Concílio fosse celebrado nas suas próprias terras, onde era o Senhor, que se esforçasse a fim de o Concílio verdadeiramente promover a Reforma. Doutra maneira, todos diriam que não se fazia coisa boa senão em Trento. Praticamente não se reformava mais do que os Legados apresentavam. E, embora isso fosse pouquíssimo e de importância secundária, a muitos prelados assim mesmo parecia duro. Seria melhor que Sua Santidade, em pessoa, indicasse ao Concílio o que cumpria ser reformado. Ele, Dom Limpo, estava pronto para lhe sugerir as diversas coisas. O Papa concordou; ficou combinado que Dom Baltasar fosse falar com o Cardeal Teatino Caraffa e lhe entregasse por escrito uns apontamentos sobre a Reforma. Depois o Papa se entenderia com o Cardeal Cervini sobre isso. Contentíssimo, Dom Baltasar Limpo foi procurar o Cardeal Teatino e entregou-lhe os apontamentos⁽³⁹⁾. Depois, porém, nunca mais ouviu falar deles!

No dia 25 de Novembro estava de volta em Bolonha⁽⁴⁰⁾, começando a frequentar novamente, e mais animado, as reuniões dos Conciliares que então se encontravam em grandes actividades, pois os Legados queriam a todo custo apresentar algum resultado positivo, depois de tanto tempo quase desperdiçado.

A situação política, porém, piorara e tensíssimas se torna-

(39) Apesar das buscas feitas, não conseguimos encontrar esses apontamentos.

(40) «...Hiersera arrivò Mons di Portu, al qual hoggi ho dato la copia de tutti i canoni che si son fatti nella sua absentia...», Massarelli, secretário do Concílio, ao Card. Cervini, 26-XI-1547: C. T. XI p. 309 nota 5.

ram as relações entre o Papa e o Imperador, sobretudo desde o assassinato de Pierluigi Farnese, filho de Paulo III, a 10 de Setembro de 1547. Sentindo-se mal seguro, o Papa começou a aproximar-se mais clara e decididamente da França⁽⁴¹⁾.

Nesse mesmo tempo, Carlos V continuou a tentar regular, ele próprio, a situação religiosa na Alemanha. A custo conseguiu na Dieta de Augsburgo que os príncipes reconheceriam o Concílio, se este recomencesse todo o trabalho já feito e se fizesse realmente independente em relação ao Sumo Pontífice.

O Imperador enviou o Cardeal Madruzzo, bispo-príncipe de Trento, a Roma com a boa nova de «que obteve finalmente que os príncipes e as cidades se submetessem ao Concílio, aceitando-lhe as primeiras decisões»!⁽⁴²⁾ Um exame mais atento revelou a cilada. Não obstante, Paulo III examinou sèriamente a possibilidade de fazer voltar o Concílio para Trento. Depois de numerosas consultas, pareceu-lhe melhor que o próprio Concílio examinasse livremente a questão e tomasse uma resolução⁽⁴³⁾.

Na Congregação de 19 de Dezembro de 1547, o Presidente, Cardeal de Monte, historiou os últimos acontecimentos, explicou os diversos lados da questão e expôs as condições, que lhe pareciam indispensáveis para salvar a dignidade do Concílio: a) os prelados, que continuaram em Trento, devem vir primeiro a Bolonha; b) explique-se melhor a «submissão dos alemães ao Concílio», se é reconhecimento, ou não, de tudo que já foi decidido, pois nenhuma decisão poderá ser retirada; c) explique-se o que eles entendam por um Concílio cristão; d) a liberdade do Concílio deverá ser garantida também em Trento; e) a instrução insinua uma longa duração do Concílio; deverá constar antes de tudo que isso dependerá livremente do próprio Concílio.

Os Padres Conciliares, quase unânimamente, concordaram com as palavras do Presidente⁽⁴⁴⁾. Dom Limpo aconselhou

(41) Cf. Pastor, *Geschichte der Päpste*, V pp. 629-631.

(42) Instruction de lo que vos el Rmo cardenal de Trento haveis de dezir y negociar em Roma de nuestra parte: C. T. VI pp. 636-638; of. L. Pastor, *Geschichte der Päpste*, V pp. 634-638.

(43) C. T. VI p. 639.

(44) C. T. VI pp. 640-646.

condições mais moderadas e uma mudança do acento: «por todos os modos devemos trabalhar que a Alemanha volte à união. Por isso, o Concílio precisa ser reconduzido a Trento, sob esta condição, porém, que não seja sacrificada nenhuma definição dogmática» (45).

A carta-resposta ao Santo Padre, de acordo com o resultado da reunião, (46) foi lida no dia seguinte e apreciada da mesma forma. (47) Dom Baltasar Limpo não gostou da carta e declarou-o abertamente: «Pensemos bem no escândalo que vai ser provocado por essa resolução. O Sínodo devia ter respondido que estava pronto para voltar para Trento, sob a condição, porém, que os decretos já elaborados fossem reconhecidos. Em todo caso, na resposta fosse bem claramente expressa a vontade do Concílio de tornar para Trento.» Dois outros bispos ainda eram completamente contrários e um condicionalmente quanto à redacção da carta (48).

No 1.º de Janeiro de 1548, de Monte informou Cervini que o Bispo do Porto aconselhava uma suspensão, por lhe parecer difícil continuar os trabalhos conciliares diante da oposição do Imperador (49).

Escrevendo ao Rei, Frei Francisco da Conceição, teólogo português da Ordem Franciscana (50), comentou a impressão causada pela atitude de Dom Limpo: «este voto, ao parecer dos virtuosos, foi muito segundo Deus, e por mal recebido dos que são parte; que havendo antes por aqui novas mui quentes que se daria o capelo ao bispo, agora sameam que por isto o perdeu; mas, se assim é, nunca outra perda lhe venha, que por olhar o que cumpre o bem geral da Igreja, e também ao reino cujo natural e bom vassalo é». (51)

(45) C. T. VI p. 644.

(46) C. T. VI pp. 648-651.

(47) C. T. VI pp. 644-646.

(48) Cf. além da carta resposta ao Papa (: C. T. VI pp. 644-646), a carta do Card. de Monte ao Card. Cervini, 20-XII-1547: C. T. XI p. 333.

(49) Card. de Monte ao Card. Cervini, 1-I-1548: C. T. XI p. 345.

(50) Frei Francisco da Conceição, natural de Serpa, estava no Concílio de Trento, não como teólogo enviado por Dom João III, senão na sua qualidade de teólogo da Ordem Franciscana e secretário do seu Ministro Geral, Frei João Calvo. Pertencia à Província franciscana do Algarve, a que presidiu como Provincial, sendo eleito em 1549. Depois foi bispo coadjutor, com o título de bispo Massilitano, do arcebispo de Braga, o nosso Dom Frei Baltasar Limpo. Faleceu nessa cidade, sendo sepultado na capela-mor da igreja da Misericórdia.

(51) Frei Francisco da Conceição ao rei, 19-I-1548: *Corpo Dipl. Port.* VI p. 231.

6. A suspensão do Concílio

Dom Baltasar Limpo ausentou-se novamente de Bolonha e passou uns quinze dias em Veneza, segundo informou Frei Francisco da Conceição na carta já citada, voltando para Bolonha no fim de Janeiro⁽⁵²⁾.

Não assistiu, por conseguinte, à reunião de 16 de Janeiro, durante a qual os Procuradores imperiais protestaram solenemente contra a continuação do Concílio em Bolonha. O Presidente, Cardeal de Monte, soube responder à altura, opondo-se enèrgicamente à intromissão do poder secular nas coisas do Concílio, desqualificando o protesto como uma série de mentiras e observando finamente que ao Imperador cumpria comportar-se como filho e não como senhor da Igreja⁽⁵³⁾.

Uma semana depois, a cena repetiu-se, desta vez na presença do Papa e dos Cardeais, reunidos em consistório. Paulo III soube conter-se dignamente e respondeu depois ao protesto, advogando a si o juízo sobre a validade do Concílio; durante esse exame estariam suspensos os trabalhos conciliares todos⁽⁵⁴⁾.

Os Padres Conciliares, tanto os de Bolonha como os de Trento, foram informados da resolução e convidados a enviar alguns representantes seus a Roma, a fim de serem ouvidos pelo próprio Papa. Os prelados espanhóis recusaram o convite pontifício. Em Bolonha, os Padres foram convocados, no dia 27 de Fevereiro, para escolherem os componentes da comissão, que seria enviada a Roma. Quase todos estavam de acordo, excepto alguns que achavam esse modo de agir contrário à dignidade do Concílio. Violenta foi a reacção de Dom Limpo. Protestou contra esse processo, como se o Concílio pudesse ser duvidoso, pois assim parecia julgá-lo o Papa, chamando os bispos a fim de serem interrogados; e assim o confessaria o próprio Concílio, se enviasse esses bispos. Melhor seria constituir uma comissão, que fosse dizer ao Papa que devia entrar em acordo com o Imperador e outra que explicasse ao Imperador e aos Alemães as condições já estabelecidas pelo Concílio e oferecesse a verdadeira

(52) C. T. XI p. 364.

(53) C. T. VI pp. 689-696; L. Pastor, *Geschichte der Päpste*, V pp. 641-644.

(54) C. T. VI pp. 728-738; L. Pastor, *Geschichte der Päpste*, V pp. 644-646.

Reforma e indicasse um lugar realmente neutro. Todas essas dilatações, que estavam querendo impor ao Concílio, eram meros pretextos a fim de não terem que reformar.

O Cardeal Cervini, sempre tão calmo e cheio de paciência, não se conteve e repreendeu gravemente as palavras audazes de Dom Baltasar Limpo. Ele estava caluniando o Papa, pois este de modo algum procurava adiar os trabalhos do Concílio; via-se, por isso, obrigado a defender a fama de Sua Santidade, e com muitas palavras se mostrou profundamente escandalizado⁽⁵⁵⁾. Não pouco sentido por essa repreensão pública, Limpo afastou-se definitivamente, não comparecendo mais às reuniões seguintes⁽⁵⁶⁾.

Escrevendo ao rei Dom João III, Frei Jerónimo de Azambuja deu uma versão exacta dos acontecimentos, contando ainda a sua tentativa de conseguir uma reconciliação entre o Cardeal e o Bispo, e justificando este último: «E depois eu vindo de Pádua o fui visitar, e entre outras coisas lhe disse que me pesava muito do que entre ele e o bispo era passado, porque desejava de nunca nos sair coisa que ao Papa pudesse dar pequeno desgosto; e que bem conhecia o ânimo e o zelo do nosso bispo. Ele me respondeu que assim era, e que entre apóstolos havia repreensões quando não falavam a verdade do evangelho, mas que ele conhecia muito bem o zelo do bispo e por isso passava por tudo.

O Bispo não pode al fazer senão dizer nos semelhantes lugares o que a sua consciência lhe dita. E eu assim o faria se em tais casos me achasse, mas já pode ser que, como os senhores deste tempo não ouçam de boa vontade as verdades, venha desta santa liberdade e zelo algum prejuízo aos negócios que Vossa Alteza tem com o Papa, e por esta causa me pareceu ser obrigado a dar disto conta a Vossa Alteza, para prover nisso como for seu serviço.

O Bispo, assim por sua enfermidade como por esta causa, se ausentou daqui e está em Veneza, até ser tempo de se ir aos banhos de Pádua. E Vossa Alteza creia, que ele vai pela carrei-

(55) Carta do Card. Cervini a Mons. Bernardino Maffei, secretário particular do Card. Alexandre Farnese, 29-II-1548: C. T. XI p. 380.

(56) C. T. VI pp. 752-754.

ra da consciência e é tal qual prouvesse a Nosso Senhor fossem todos os do Concílio...» (57)

Neste mesmo tempo, em 2 de Março de 1548, Dom Frei Baltasar Limpo enviou uma carta a Dom João III, por intermédio de Frei Francisco da Conceição. Recomenda o portador que, como muitos prelados, abandona Bolonha, agora que o Concílio foi suspenso. Ele, Limpo, ficará mais algum tempo, embora sem confiança de poder fazer algo a serviço de Deus e do rei, porque os Legados receberam muito mal os seus votos. E certamente eles informarão a seu modo o Papa, e assim perderá a graça do Sumo Pontífice. Quanto ao sucedido no Concílio, Frei Francisco dará, como boa testemunha, todos os pormenores desejados (58).

Pelo mesmo portador seguiu ainda uma carta dos Legados Pontifícios ao Núncio Apostólico em Portugal, Giovanni Ricci, dando conta de tudo quanto ocorrera no Concílio (59). Assim, também este ficou prevenido.

Não obstante, por Dom Limpo representar uma nação, não o quiseram perder. Por isso escreveram ao Cardeal Alexandre Farnese: «Creio que podemos licenciar os bispos, pois os tratativos talvez se prolonguem muito. Neste caso, alguns poderiam ser chamados para Roma, a fim de concluírem a Reforma, principalmente quatro ou cinco franceses e o português». (60)

Acabrunhado de espírito, parece que Dom Frei Baltasar Limpo começou a sentir mais os achaques de sua idade. Contava agora 70 anos, e os últimos passara-os num clima menos favorável, com grandes trabalhos e estafantes tensões. A sua saúde ficou abalada logo depois da saída de Bolonha. Segundo as diversas cartas, escritas nesse tempo ao rei e à rainha, parece que teve um ataque que lhe imobilizou um braço durante vários meses, ora melhorando um pouco, ora recaído. É sempre emocionante a visão do trabalhador cansado!

Em 6 de Julho escreveu uma carta ao rei, mostrando-se com-

(57) Frei Jerónimo de Azambuja ao rei, ?; *Corpo Dipl. Port.* VI pp. 229-230. A data sugerida, 12-I-1548, não pode estar certa, pois a carta narra os acontecimentos que se desenrolaram na Congregação Geral de 27 de Fevereiro de 1548.

(58) Dom Limpo ao rei, 2-III-1548; *Corpo Dipl. Port.* VI p. 238.

(59) C. T. I pp. 748-749; 750.

(60) Os Cardeais Legados Pontifícios ao Card. Alexandre Farnese, 27, 28-III-1548; C. T. XI p. 400.

pletamente desiludido quanto ao Concílio. Devido à sua indisposição nem lhe foi possível assinar a carta pessoalmente. Enviou-a por um seu criado, pedindo ao rei acreditasse as instruções dadas. «Duas coisas me fazem pedir por mercê a Vossa Alteza haja por bem minha ida: uma quase ficar tolhido de um braço e com tantas e tão más disposições que, ficando cá este inverno, poderei acabar a vida sem fazer nenhum serviço a Vossa Alteza, porque em que se o Concílio faça e ainda que se fizesse em Veneza, eu não tenho disposição para estar nele; e a outra é a grande necessidade que tenho para concluir coisas que importam a minha salvação nesses reinos...» (61)

A resposta do rei chegou em Setembro, no dia 8, na forma de duas cartas. Numa deu a licença desejada; noutra, porém, pediu que esperasse mais alguns dias, se isso não lhe prejudicasse a saúde (62).

Contentíssimo com a licença obtida, Dom Limpo escreveu imediatamente a Paulo III, expondo-lhe os motivos por que queria voltar para Portugal e pedindo a licença necessária. Despachada essa carta, recebeu uma informação particular dum bispo auditor da câmara pontifícia e amigo seu, da vontade que Sua Santidade tinha de chamá-lo para Roma, a fim de tratar da Reforma, por ele ser português e muito estimado pelo Sumo Pontífice. De facto, recebida a carta de Dom Limpo, o Papa consultou o Cardeal Cervini, e este mandou dizer ao bispo que não fosse, pois a sua presença seria necessária em Roma. Pouco depois chegou o convite, na forma dum Breve de Paulo III (63). O Orador

(61) Dom Limpo ao rei, 6-VII-1548: *Corpo Dipl. Port.* XI pp. 531-533.

(62) Frei Gaspar dos Reis ao rei, 15-IX-1548: *Corpo Dipl. Port.* VI pp. 287-288.

(63) O Breve pontifício «Cupientes super» é, em tradução, do seguinte teor: Ao Venerável Frei Baltasar, Bispo do Porto.

Venerável Irmão, saúde e Bênção Apostólica.

Desejando falar contigo, que conhecemos como religioso prudente e dotado de sagradas letras, sobre algumas coisas respeitantes ao Concílio universal, ao bem público e à salvação dos povos a nós confiados, embora queiramos que tu possas fazer isto sem incómodo desta viagem para vós, no entanto, porque esperamos que a tua Fraternidade pela piedade e particular proibida haja de sofrer incómodo a favor da comodidade pública, exortamos-te por estas nossas letras e te impomos que venhas a nós o mais depressa que possas, pois ver-te-emos de boa vontade e da melhor vontade ainda conversaremos contigo sobre as referidas coisas.

Dado em Roma, 13 de Setembro de 1548 — ano décimo quarto do nosso pontificado.

Arquivo Secreto do Vaticano, Arm 41. Vol. 43 fol. 94. Para a tradução, cf. J. de Castro, *Portugal no Concílio de Trento*, II (Lisboa 1944), pp. 386-387. Cf. ainda C. T. XI p. 473.

português, Baltasar Faria, aconselhou Dom Limpo que obedecesse. Dom Frei Baltasar respondeu, pois, ao Santo Padre que, assim maltratado de braço como estava, iria para Roma, desistindo da licença ⁽⁶⁴⁾.

Dom João III folgou muito com essa notícia e, escrevendo ao bispo, exprimiu a sua esperança de que a Reforma ganhasse muito com a experiência, letras e virtudes que o ornavam. Como instrução mandou-lhe uns apontamentos, feitos por diversas pessoas, tocantes à dita Reforma. Eram destinados ao Concílio, mas agora deviam ser apresentados ao Papa. Quanto aos dois bispos, que Sua Santidade mandara pedir pelo Nuncio Apostólico fossem enviados para Roma, ele, Dom João, não os mandaria, não só por não saber em que ia parar esse projecto de reforma, senão também por aí se achar o bispo do Porto. Além disto, os apontamentos transmitidos continham tudo quanto deviam dizer os preladados que aí fossem ⁽⁶⁵⁾.

Em Novembro de 1548, Dom Baltasar Limpo dirigiu-se para Roma a fim de tratar da Reforma ⁽⁶⁶⁾... que não se fez. Os preladados, que haviam permanecido em Bolonha, foram licenciados a 13 de Setembro de 1549. Era o fim do primeiro período do Concílio ⁽⁶⁷⁾.

O Papa Paulo III, esperando sempre que lhe fosse possível prosseguir o Concílio, não viu mais tempos melhores para a Igreja e a morte frustrou-lhe as últimas esperanças, no dia 10 de Novembro de 1549 ⁽⁶⁸⁾.

Os teólogos portugueses foram licenciados, Frei Jerónimo de Azambuja logo no dia 12 de Julho do mesmo ano, por motivo de saúde; Frei Gaspar dos Reis e Frei Jorge de Santiago respectivamente a 11 e 16 de Setembro, sendo chamados por Dom João III.

(64) Cf. Dom Limpo ao rei, 15-IX-1548: *Corpo Dipl. Port.* XI pp. 534-537; Dom Limpo à Rainha, 15-IX-1548: *Corpo Dipl. Port.* VI pp. 289-291; Dom Limpo à Rainha, 26-IX-1548: *Corpo Dipl. Port.* VI pp. 291-292; e ainda C. T. XI p. 475, nota 2; Santarém-Rebello da Silva, *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal...* XII, pp. 266.

(65) O rei a Dom Limpo, nov. (?) - 1548: Santarém-Rebello da Silva, *Quadro elementar...* XI, pp. 270-271.

(66) Carta dos teólogos portugueses ao Rei, 24-XI-1548: Santarém-Rebello da Silva, *Quadro elementar...* XII, pp. 272-273.

(67) Cf. C. T. VI p. 833.

(68) Cf. C. T. VI pp. 833-834.

Parece que Dom Limpo tenha continuado em Roma até depois da morte do Papa, pois este não desistia das suas tentativas de promover a Reforma. Assim, é provável que a partida de Roma se tenha dado pouco após o desenlace de Paulo III, chegando Dom Frei Baltasar Limpo a Portugal em Dezembro de 1549, onde foi recebido pelo rei e pelo povo com grandes festas e honras, sendo saudado como o «Anjo de Deus» ⁽⁶⁹⁾.

7. Conclusão

Nestas rápidas pinceladas, seguimos a representação portuguesa no Concílio de Trento, na actuação do único bispo de Portugal presente na primeira fase daquele grandioso congresso, formado pelos melhores teólogos, canonistas e reformadores, que estabeleceu os princípios da restauração definitiva, embora tardia, do Catholicismo, adaptando-o à nova mentalidade que surgira.

Durante três anos, Dom Frei Baltasar Limpo dedicou-se aos mais altos interesses da Igreja Católica, por ele amada com todas as fibras de seu coração generoso e enérgico. Bispo Católico e representante de seu rei, tentou lealmente unir os dois deveres na sua actuação conciliar. Estudou a fundo as questões dogmáticas e pôs toda a sua experiência prática na elaboração dos decretos da Reforma.

A alta política conciliar, parece, não estava inteiramente a seu alcance. Vindo de um país pacato, naturalmente ligado ao seu grande vizinho o povo espanhol, Limpo uniu-se estreitamente aos prelados imperiais, que defendiam os mesmos princípios e pontos de vista na reforma, que ele acalentava em seu coração profundamente sincero e isento de qualquer maneiço político. Era-lhe alheia a inclinação política ou diplomática.

Quando, na votação sobre a transferência do Concílio, teve de escolher entre o grupo imperial e o grupo pontifício, tentou salvar o Concílio por uma via intermediária, exigindo sim que a situação fosse examinada mais criteriosamente, mas declarando ao mesmo tempo que era melhor transferir do que suspender o Concílio.

(69) Marcus Antonius Alegre de Casanate, *Paradisus Carmelitici Decoris, seu de viris & foeminis illustribus religionis carmeliticae*. Lugduni 1639, p. 395.

Estava pronto a seguir os outros para Bolonha; ficou, porém, em Trento, devido à pressão dos espanhóis que lhe lembravam as instruções recebidas. Separado destes, ficou na expectativa, não se podendo decidir entre Bolonha e Trento. Queria a Reforma e não a considerava possível num Concílio contrário ao Imperador e ao seu próprio rei. Um conflito de consciência, que só pode ser explicado pelo conceito conciliar ibérico. Os últimos Papas, e nomeadamente o último Concílio de Latrão sob Leão X, inspiravam-lhe pouca confiança no êxito da Reforma sem a enérgica cooperação do Imperador. A península ibérica justamente se gloriava da própria reforma, e teve de lutar constantemente contra a praxe curial romana, tão larga nas dispensas. Um Concílio nas terras do Papa, sem a colaboração do Imperador, não lhe parecia a via indicada para chegar à verdadeira reforma.

Tornando-se mais agudo o conflito entre o Papa e o Imperador, Dom Limpo começou a acreditar demais nas palavras de Carlos V e a desconfiar das intenções de Paulo III, sobretudo quando este resolveu suspender os trabalhos conciliares e ouvir os bispos sobre a transferência do Concílio. Limpo considerou esse acto, verdadeira moção de desconfiança, um ataque à dignidade do Concílio, e interpretou-o como um subtertúgio para dilatar as medidas da Reforma. E não escondeu essa opinião.

Aqui Dom Limpo falhou, por não possuir sagacidade política. A sua inteireza de carácter não podia acompanhar as mil voltas da diplomacia. Para ele o Concílio, já que estava funcionando, devia garantir a reforma e a volta dos Alemães ao seio da Igreja. Sem sacrificar a sua dignidade, o Concílio devia estar pronto a sacrificar tudo para conseguir esse fim. Não via, porém, que a política de Carlos V se baseava toda nos princípios, então modernos e novos e recém-sistematizados por Macchiavelli, de restabelecer a união desfeita da Cristandade europeia por meio dum equilíbrio: equilíbrio político na hegemonia da Europa, equilíbrio religioso nas questões dogmáticas e de reforma. Um acordo religioso com os Dissidentes não podia quadrar nas linhas intransigentes do Concílio. Essa impossibilidade devia conduzir fatalmente à suspensão do Concílio, pois Carlos V não cedia e Paulo III não podia ceder.

Desiludido embora, amargurado pelas repreensões, sofrendo de alma e de corpo, Dom Baltasar Limpo conservou sempre a sua

prontidão para, ainda em Roma, colaborar nos planos de reforma do Papa.

Durante todo o seu tempo conciliar, Dom Baltasar Limpo não seguiu nenhuma política mesquinha de interesse ou de ambição, quer pessoal, quer nacional; seguiu apenas o seu grande ideal — a Reforma. O seu grande, o seu profundo, o seu sincero amor para com a Igreja Católica fazia-o trabalhar indefessamente para esse grande ideal, que foi o móvel único de todas as actividades da sua vida religiosa e episcopal. Por isso, estava sempre do lado daqueles em quem julgava descobrir o mesmo ideal.

P. MANUEL MARIA WERMERS, Carmelita